

**POLÍTICAS
DA
COGNIÇÃO**

Apoio:

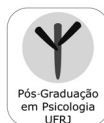


Universidade Federal Fluminense



UFRJ

**Programa de Pós-graduação
em Psicologia da UFF**



Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UFF

Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UFRJ

**POLÍTICAS
DA
COGNIÇÃO**

Virgínia Kastrup
Silvia Tedesco
Eduardo Passos

© Autores, 2008

Capa: Vitor Hugo Turuga
Projeto Gráfico: Fosforográfico/Clo Sbardelotto
Editoração: Clo Sbardelotto
Revisão: Patrícia Aragão

Editor: Luis Gomes

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

K19p Kastrup, Virgínia
Políticas da cognição / Virgínia Kastrup, Sílvia Tedesco e
Eduardo Passos. Porto Alegre: Sulina, 2008.
295p.

ISBN: 978-85-205-0497-0

1. Cognição – Subjetividade – Psicologia.
I. Tedesco, Sílvia. II. Passos, Eduardo. III. Título

CDD: 150
152
CDU: 159.922

Todos os direitos desta edição reservados
à EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101
CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS
Tel.: (51) 3311-4082 Fax: (51) 3264-4194
sulina@editorasulina.com.br
www.editorasulina.com.br

Julho / 2008

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

SOBRE OS AUTORES

VIRGÍNIA KASTRUP é professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É pesquisadora do CNPq e uma das fundadoras do NUCC – Núcleo de Pesquisa Cognição & Coletivos/UFRJ. Publicou *A Invenção de Si e do Mundo: Uma Introdução do Tempo e do Coletivo nos Estudos da Cognição* (Papirus, 1999; Autêntica, 2007) e diversos artigos em revistas especializadas. Suas pesquisas são voltadas para os temas: aprendizagem inventiva, atenção, oficinas de práticas artísticas e, mais recentemente, deficiência visual.

SILVIA TEDESCO é professora da graduação em psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. É supervisora clínica no Centro de Atenção Psico-Social para adolescentes (CRIAA-UFF) e co-autora e organizadora de livros na área de Clínica e Política: *Polifonias – Clínica, Política e Criação* (Contracapa, 2005) e *Pragmática, Pragmatismo e Produção de Subjetividade* (Garamont, 2008). Publicou artigos em revistas especializadas sobre os temas de sua pesquisa: linguagem, produção da violência e clínica das drogas.

EDUARDO PASSOS é professor da graduação em psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. É consultor do Ministério da Saúde, tendo participado da construção da Política Nacional de Humanização do SUS (PNH). Integra a equipe clínico-grupal do grupo Tortura Nunca Mais-RJ (GTNM-RJ). Publicou artigos em revistas especializadas. Suas pesquisas atuais estão voltadas para os temas: paradigma reconstrutivista da cognição e avaliação em políticas públicas de saúde.

SUMÁRIO

- Introdução 9
Virgínia Kastrup, Silvia Tedesco e Eduardo Passos

- I – INTERFACES

- Mapeando o Domínio de Estudos da Psicologia da Linguagem: Por uma Abordagem Pragmática das Palavras .. 21
Silvia Tedesco
- Autoipoiese e Subjetividade: Sobre o Uso da Noção de Autoipoiese por G. Deleuze e F. Guattari 46
Virgínia Kastrup
- Pensando a Subjetividade com Conceitos Híbridos: a Psicologia em Interface com a Filosofia e a Biologia 64
Eduardo Passos

- II – PROCESSOS

- A Cognição Contemporânea e a Aprendizagem Inventiva 93
Virgínia Kastrup
- Linguagem: Representação ou Criação? 113
Silvia Tedesco
- O Ver e o Observar: A Experiência Fenomênica e o Experimento Científico 136
Eduardo Passos
- A Aprendizagem da Atenção na Cognição Inventiva 156
Virgínia Kastrup

- III – COGNIÇÃO E SUBJETIVIDADE

- Estilismo de Si: Ato de Fala e Criação 177
Silvia Tedesco
- Um Paradigma Estético nos Estudos da Cognição 197
Eduardo Passos
- A Relação entre Cognição e Artificio no Contemporâneo: os Limites do Humano 212
Eduardo Passos

IV – INTERVENÇÕES

- Hospitalidade e Binarização:
duas Diferentes Políticas do Discurso 227
Silvia Tedesco
- Sobre Livros e Leitura: Algumas Questões Acerca
da Aprendizagem em Oficinas Literárias 241
Virgínia Kastrup
- Cartografias Literárias 267
Virgínia Kastrup

INTRODUÇÃO

Durante 10 anos de trabalho coletivo do Grupo Cognição e Subjetividade* desenvolvendo projetos integrados de pesquisa apoiados pelo CNPq, realizamos encontros semanais em que discutimos a produção mais recente das ciências cognitivas contemporâneas, buscando transpor os limites que identificávamos na psicologia cognitiva tradicional. Com uma formação apoiada na história da psicologia e em diferentes abordagens da teoria do conhecimento, tanto psicológicas quanto filosóficas, nosso percurso intelectual era irremediavelmente marcado pela leitura de autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari e por sua análise crítica do modelo da representação. Logo no início, entramos em contato com o cognitivismo computacional, que ainda era um modelo hegemônico na época, e que define a cognição como processamento simbólico de informações por regras lógicas. De acordo com esse modelo, versão mais atual do modelo da representação, que encontra suas bases em Descartes e Kant, a cognição é uma relação intencional entre um sujeito e um objeto. Os conteúdos cognitivos – os símbolos – são correlatos mentais de uma realidade preexistente. Além de pressupor sujeito e objeto como pólos prévios ao processo de conhecer, a concepção da cognição como representação traz consigo a preocupação com a busca de leis e princípios invariantes, condições de possibilidade do funcionamento cognitivo. O que prevalece é o entendimento da cognição como processamento de dados: o sistema cognitivo recebe *inputs*,

* O grupo de pesquisa Cognição e Subjetividade reúne professores, pesquisadores e alunos dos cursos de graduação e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense.

realiza seu processamento por regras lógicas e os transforma em *outputs*. A cognição é identificada com a inteligência – agora encampando o domínio da inteligência artificial – e é, em última análise, um processo de solução de problemas. Nosso diagnóstico foi que tais idéias concorriam para uma concepção extremamente limitada e mesmo inadequada do que seja conhecer.

O impulso que passou a nos animar, e que assumiu para nós a força de uma aposta, foi proceder a uma ampliação do conceito de cognição, o que envolveu a introdução de novas questões como a criação, a invenção de problemas e as modulações da cognição no mundo contemporâneo. Ampliar o conceito de cognição significa sustentar que conhecer não é apenas representar, nem tampouco a atividade de um sistema ou estrutura cujas regras invariantes seriam encapsuladas e refratárias ao tempo. As várias formas de estruturalismo presentes no campo das ciências da cognição são versões sofisticadas do modelo da representação e da recusa de sua dimensão temporal. Assumir um ponto de vista divergente é tomar a cognição em seus limites moventes, onde ela se dá como processo criador. Nessa direção, o campo dos estudos da cognição não se identifica com aquele do cognitivismo computacional. O cognitivismo é apenas uma das perspectivas de abordagem desse campo, que por certo não se revela a mais interessante e nem mesmo a mais adequada para enfrentar os novos problemas colocados pelo contemporâneo.

O que construímos ao longo desses anos, e que propomos com os textos aqui reunidos, é a idéia de que conhecer é criar, é produzir a realidade, tanto do mundo conhecido quanto daquele que conhece. Tal formulação encontra ressonâncias no construtivismo radical de Humberto Maturana e Francisco Varela, presente nos estudos recentes da cognição. De acordo com tal perspectiva, os dois pólos da relação cognoscente (objetivo e subjetivo) são efeitos, e não condição da atividade cognitiva. Segundo essa abordagem, o que até então era tomado como condição de possibilidade da cognição é pensado agora como produto ou efeito emergente de sua própria atividade.

A cognição se apresenta tanto como processo de produção quanto como produto. Daí a necessidade de realizar uma investigação numa dupla vertente: a dos processos cognitivos e a dos resultados cognitivos – vertentes de análise que se distinguem embora não se separem. Por processo entendemos aqui a dimensão de processualidade da cognição, e não de processamento de informação. O que buscamos ressaltar é o processo de conhecimento em sua dimensão temporal, que responde por sua transformação permanente. Por um lado, temos os processos de criação de si, os devires cognitivos e a dimensão pragmática da cognição; por outro, temos o si mesmo cognitivo, os regimes cognitivos e os regimes de signos.

Com o alargamento do conceito de cognição, forçando seus limites, chega-se a uma zona de indiscernibilidade, onde é atenuada a fronteira entre o cognitivo e o extracognitivo. A cognição se transforma pela intervenção de vetores extracognitivos como as novas tecnologias, as forças do coletivo, a arte, as políticas da aprendizagem, os novos regimes de signos, etc. E é por levar em conta essa zona de indiscernibilidade ou vizinhança que os estudos da cognição se encontram aqui com a temática da produção da subjetividade. A construção de uma interface entre os estudos da cognição e os estudos da produção da subjetividade constituiu a originalidade de nosso trabalho e, ao mesmo tempo, sua fecundidade. Nesta medida, Francisco Varela, Humberto Maturana, Gilles Deleuze, Félix Guattari, John Langshaw Austin e Mikhail Bakhtin formam alguns dos nós da rede de intercessores deste trabalho. A produção do nosso grupo ao longo destes anos tem servido de referência para grande número de trabalhos publicados por outros pesquisadores e também para diversas teses e dissertações, o que nos fez desejar reuni-los e trazê-los para uma ampla circulação.

O leitor poderá constatar que os 13 textos aqui incluídos produzem como efeito emergente uma concepção de cognição inventiva e ampliada, além de colocar o problema das políticas cognitivas, que acaba por dar título ao livro. Falar em políticas da cognição significa afirmar que a distinção entre uma concepção

da cognição como representação de um mundo preexistente e aquela que define a cognição como um processo de invenção de si e do mundo não se restringe a uma diferença entre modelos teóricos. A cognição representacional e a cognição inventiva são dois modos de estar no mundo, de estabelecer relação consigo e com a própria atividade de conhecer. Isso significa que o problema da cognição não se limita ao âmbito epistemológico, ou seja, à discussão acerca do funcionamento cognitivo e dos diferentes modelos teóricos propostos para o seu entendimento. Também não basta dizer que a produção científica e a discussão epistemológica envolvem fatores sociais, históricos, econômicos e políticos. Embora reconheçamos sua ocorrência, como nos mostram os estudos definitivos de Isabelle Stengers e Bruno Latour, e outros que ampliam as idéias seminais de Foucault e Deleuze, falar em políticas da cognição é mais do que colocar em questão a neutralidade da ciência. Mas não se trata aqui apenas de afirmar que as ciências cognitivas não resultam de métodos abstratos, mas que são resultado de práticas concretas, cuja invenção ao longo da história ganha novos ares com o advento do computador.

O que o conceito de política cognitiva busca evidenciar é que o conhecer envolve uma posição em relação ao mundo e a si mesmo, uma atitude, um *ethos*. Sendo assim, o cognitivismo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. Ele é uma das configurações que nossa cognição assume. Ele não dorme nas páginas dos livros, mas nos habita, e muitas vezes de maneira silenciosa. Os pressupostos do modelo da representação – a preexistência de um sujeito cognoscente e de um mundo dado que se dá a conhecer – são muitas vezes tão enraizados em nós que se confundem com uma atitude natural. Pensando com Bergson, e levando mais adiante uma idéia da fenomenologia, podemos afirmar que se trata de uma atitude habitual que se torna naturalizada. Por outro lado, aproximar conhecimento e criação, afirmar que a ação de conhecer configura de modo recíproco e indissociável o sujeito e o objeto, o si e o mundo, não é apenas propor um novo entendimento da cognição. É um convite a adotar uma certa maneira de estar no mundo, de habitar um território existencial e

de se colocar na relação de conhecimento. A recusa da crença num mundo dado que apenas representamos, que coloca os problemas que devemos solucionar e ao qual devemos nos adaptar, não é de modo algum trivial. A idéia de que o mundo não é dado, mas efeito de nossa prática cognitiva, expressa uma política criacionista. O mesmo vale para a idéia do conhecimento como autocriação, como invenção de si. Assumir essa postura requer uma virada, uma reversão da atitude naturalizada, o que exige, em princípio, um esforço. Mas pode se transformar, com a prática, numa atitude encarnada, configurando uma nova política cognitiva.

Nesta medida, os textos que o leitor tem nas mãos falam de duas políticas da cognição: a política da representação e a política da invenção. Como não se chega à cognição inventiva por adesão teórica, mas por práticas cognitivas efetivas, nosso convite é que a experiência da leitura do livro possibilite mais do que entendimento de uma outra maneira de pensar. É que sua leitura possa acionar, naqueles que forem afetados por suas idéias, transformações efetivas no plano das políticas cognitivas, e que ela concorra para expurgar o cognitivista que insiste em se esconder em nós, nos mantendo presos ao modelo da representação. Nossa proposta não é a substituição de um modelo teórico por outro. Não se trata simplesmente de uma crítica ao paradigma da representação, mas do convite a praticar uma outra política cognitiva, uma nova e desafiante forma de conhecer, de viver e de estar no mundo, onde a invenção não é apenas um processo cognitivo entre outros, mas a maneira de colocar o problema da cognição, teórica e existencialmente.

Alguns dos textos aqui apresentados se dedicam a acompanhar a produção teórica no cenário das ciências cognitivas contemporâneas, buscando instrumentos conceituais que concorrem para o entendimento da cognição criadora. A pesquisa teórica estabelece um diálogo com o campo da psicologia e também inclui novos problemas, ampliando os limites do debate. Outros buscam domínios concretos de investigação, com apoio em pesquisas de campo. Essas se tornaram um imperativo para o grupo Cognição e Subjetividade, tendo em vista a importância da temática da

criação, a ênfase na experiência concreta e o destaque concedido ao papel da prática na construção do conhecimento. A definição clara dos problemas, bem como a construção de formulações teóricas apropriadas e consistentes, acabam por criar condições favoráveis para as pesquisas de campo, com as quais a pesquisa teórica ganha estímulo adicional.

A convergência dos textos aqui reunidos indica não só uma unidade temática de um grupo de pesquisa como também e, sobretudo, o compartilhamento de um modo de fazer. Nosso grupo sempre se caracterizou como um coletivo cujo modo de trabalho e funcionamento jamais exigiu sua coordenação localizada em um de seus integrantes. A coordenação distribuída foi a maneira de consolidar um funcionamento numa rede afetivo-cognitiva, que aposta que só se pode pensar nessa zona de indiscernibilidade produzida entre os integrantes do grupo. Pensamos em grupo, pensamos entre nós: os nós da rede. E se há um modo de fazer que é do e no coletivo, tal dinâmica de produção grupal permitiu a conversão do saber fazer (como se pesquisa) em fazer saber (o que se produz na pesquisa). O que se conhece e como se conhece não podem ser tomados como domínios separados.

Os trabalhos foram agrupados em 4 seções: Interfaces, Processos, Cognição e Produção de Subjetividade e Intervenções. A primeira seção, denominada Interfaces, traz uma discussão teórica e crítica do modelo da representação, apontando também caminhos para seu entendimento como processo de criação de si e do mundo. No texto “Mapeando o Domínio de Estudos da Psicologia da Linguagem: Por uma Abordagem Pragmática das Palavras”, Silvia Tedesco examina os pressupostos de algumas teorias da psicologia da linguagem, tomando como critério duas distintas abordagens da linguagem, presentes no domínio de estudos das ciências humanas. Numa delas, denominada perspectiva formalizadora, o caráter ordenador, representacional dos signos, vigora como essência do processo. Já na perspectiva conhecida como pragmática, a linguagem é afirmada por sua potência de intervenção e produção de mundos. Mais do que abordagens distintas, estamos diante de duas políticas de entendimento e uso da linguagem.

O texto “Autopoiese e Subjetividade: Sobre o Uso da Noção de Autopoiese por G. Deleuze e F. Guattari”, de Virgínia Kastrup, investiga as ressonâncias, bem como os pontos de afastamento, entre a teoria da autopoiese de Humberto Maturana e Francisco Varela e o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Propondo uma aliança original entre as ciências cognitivas contemporâneas e os estudos da produção da subjetividade, o texto traz questões relevantes para o entendimento da política criacionista. No texto “Pensando a Subjetividade com Conceitos Híbridos: A Psicologia na Interface com a Biologia”, Eduardo Passos toma o tema da subjetividade na interface entre a epistemologia, os estudos da cognição e a biologia do conhecimento. No limiar entre diferentes domínios do saber, os estudos da cognição fazem sua aposta no hibridismo teórico, o que é ilustrado com as contribuições da biologia do conhecimento de H. Maturana e F. Varela para os estudos do sujeito cognoscente.

A segunda seção, intitulada Processos, apresenta contribuições originais para o entendimento de alguns dos processos cognitivos, como a aprendizagem, a linguagem, a percepção e a atenção. O texto “A Cognição Contemporânea e a Aprendizagem Inventiva”, de Virgínia Kastrup, aponta que a discussão acerca da aprendizagem não se restringe à oposição entre aprendizagem mecânica e aprendizagem inteligente. Traz à tona a questão da política do aprendiz quando a aprendizagem é tratada do ponto de vista da invenção. O texto de Silvia Tedesco, “Linguagem: Representação ou Criação?”, aborda o tema da potência de criação da linguagem. Na parceria com a abordagem pragmática da linguagem, esta é definida a partir de sua competência para a produção de fatos, ou seja, pelo poder de intervenção na política que move a vida e, principalmente, a partir de sua força de criação de novos sentidos e realidades. No texto “O Ver e o Observar: A Experiência Fenomênica e o Experimento Científico”, de Eduardo Passos, a superação do modelo da representação é pensada a partir de algumas idéias da teoria da autopoiese de H. Maturana e F. Varela. A base empírica da discussão são os dados fornecidos pela pesquisa em fisiologia da percepção de Walter Freeman. Conhe-

cer é representar uma realidade dada ou produzir mundo? Essa pergunta, embaraçosa para o senso comum, é enfrentada pelos estudos da cognição – em especial os estudos da percepção –, fazendo-se uma aposta na superação tanto do realismo quanto do mentalismo. Em “A Aprendizagem da Atenção na Cognição Inventiva”, Virgínia Kastrup coloca de modo original o problema da relação entre atenção e aprendizagem. Em vez de considerar a atenção como condição da aprendizagem, propõe o problema da aprendizagem da atenção, indicando um novo caminho para as pesquisas da atenção na atualidade. Crianças distraídas, adolescentes dispersos, adultos portadores de TDA/H e artistas podem, a partir de sua leitura, ser entendidos como casos exemplares de políticas atencionais distintas.

A terceira seção, Cognição e Subjetividade, explora de modo especial a articulação entre os estudos da cognição e os da produção de subjetividade de Deleuze e Guattari. Os textos discutem como os processos de criação cognitiva, tomados em toda sua amplitude e abrangência, constituem processos de subjetivação. No texto “Estilismo de Si: Ato de Fala e Criação”, de Silvia Tedesco, a noção de estilo literário serve para refletir outra política para a noção de subjetividade. De um conjunto de processos regulares ela passa a ser considerada como processo ininterrupto de criação de si. O texto propõe a noção de *estilismo de si* como modalidade especial de elo entre linguagem e subjetividade para dar conta da articulação entre as tendências à regularidade e à diferenciação, ambas orientadoras dos processos de produção de subjetividade. No texto “Um Paradigma Estético nos Estudos da Cognição”, Eduardo Passos aponta que os estudos da cognição investigam as capacidades sintetizantes do homem, isto é, seu poder de artifício, de engenho, como também de criação. Tal tarefa se agrava a partir da segunda metade do século XX com o advento do cognitivismo computacional e seu projeto de simulação artificial da inteligência. O texto busca afirmar que há um paradigma estético que se mantém muitas vezes oculto nestas pesquisas e que em outras é posto em relevo. Em “A Relação entre Cognição e Artifício no Contemporâneo: Os Limites do Humano” Eduardo

Passos toma como ponto de partida o tema da subjetividade contemporânea no que ela pode ser pensada para além ou aquém do sujeito. As ciências cognitivas, como ciências do artificial, ajudam a montar a cena contemporânea na qual a figura de um novo cogito se impõe, ao mesmo tempo em que se desestabiliza nossa antiga pretensão por uma imagem definitiva do humano.

A quarta seção, denominada Intervenções, traz resultados de pesquisas de campo que efetuam a experimentação dos aportes teóricos desenvolvidos, levando-os para o domínio dos trabalhos comunitários, da clínica e da saúde. Em “Hospitalidade e Binarização: Duas Diferentes Políticas do Discurso”, Silvia Tedesco analisa um impasse detectado numa instituição de tratamento para adolescentes com problemas de uso indevido de drogas. Seu entendimento e busca de resolução exigiu assumir uma nova política cognitiva do processo, que não se limitasse ao ponto de vista da psicologia tradicional. A compreensão do problema mobilizou uma política de transversalização de disciplinas distintas como a sociolinguística, a psicologia, a filosofia da linguagem, a análise do discurso e a literatura. Os dois últimos textos, ambos de Virgínia Kastrup, abordam pesquisas em oficinas de leitura, que apontam sua potência de produção de subjetividade. “Sobre Livros e Leitura: Algumas Questões Acerca da Aprendizagem em Oficinas Literárias” versa sobre uma pesquisa com crianças cujo tema é investigar o papel da leitura num meio social onde novas tecnologias como o computador e o videogame são presenças hegemônicas no universo infantil. O texto “Cartografias Literárias” narra uma pesquisa de campo que, através do método da cartografia, investiga práticas de leitura de textos literários por crianças pobres em situação de violência. Trata-se de uma pesquisa-intervenção, em que se encontram indícios do desenvolvimento de uma política cognitiva inventiva em todos os participantes, incluindo as crianças e toda a equipe da pesquisa.

*Virgínia Kastrup, Silvia Helena Tedesco
e Eduardo Passos*